

## Ritual e simbologia no Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Mestranda Marla Oliveira Andrade<sup>i</sup>

### Resumo

*Tendo início na cultura dos povos pagãos os ritos sobreviveram durante os séculos e foram sendo passados e adaptados ao longo do tempo, revestidos pelo cristianismo. Os rituais, verdadeiras fórmulas “mágicas”, são uma seqüência ordenada de gestos, sons e presença de objetos sagrados. Um desses rituais pode ser observado no **Livro I do Tombo**, um manuscrito raro e importante para a construção da História do Brasil e para a compreensão da cultura e simbologia populares registrados nesse documento. Esse manuscrito contém cartas, escrituras, doações de terras entre outros, e nele está registrado um ritual de posse de terra, além de elementos fundamentais como o cajueiro, o curral e a cruz. Desenha-se nesse documento um prospecto da formação da Cidade de Salvador e dos costumes antigos que sobreviveram ao decorrer dos anos. Este trabalho constitui-se de uma leitura e percepção da presença dos símbolos e rituais utilizados na antiguidade e incorporados pelo cristianismo em atos, hoje, somente burocráticos como a venda, doação da terra.*

**Palavras-chave:** ritual, simbologia, posse da terra, **Livro I do Tombo**.

### Introdução

O homem é um ser histórico e social, portanto, é o resultado do meio em que vive. Para compreender esse homem de hoje e o seu mundo, o passado tem um valor fundamental. É nos registros de tempos idos que se encontra a formação do pensamento de um povo, de uma cultura, de uma história. Boa parte desse registro se faz através de textos. A ciência que desvenda esses textos, a Filologia, tem, hoje, dois ramos distintos, um voltado para a língua e suas mudanças (lingüística histórica) e outro voltado para o texto (crítica textual). O ramo da Crítica Textual se concentra principalmente na restituição da forma genuína do texto, cuidando assim do processo de transmissão desse texto.

A Crítica Textual resgata e traz para a modernidade o testemunho histórico e documental de uma época, fazendo com que a sociedade tenha uma compreensão melhor de sua história. A “Cidade da Bahia”, que foi a primeira capital do país, guarda considerável parte desses tesouros, muito deles sob a jurisdição e a prudência dos primeiros monges beneditinos baianos, os primeiros a chegarem no “Novo Mundo”. O ritual de posse da terra aqui estudado encontra-se no **Livro I do Tombo** do Mosteiro de São Bento da Bahia.

A Coleção completa dos **Livros do Tombo** do Mosteiro de São Bento da Bahia é composta, segundo informações dos próprios monges, por 11 volumes (**O Livro Velho do Tombo** e os 10 **Livros do Tombo**), os quais alcançam um período que vai dos sécs. XVI ao XVIII. Com exceção do **Livro Velho do Tombo**, todos os demais volumes constituem-se de traslados do original, autenticadas por tabelião, afirmando que depois de copiadas foram lidas e achadas conforme os originais. Esta coleção encontra-se no Arquivo Arquibacial do Mosteiro de São Bento da Bahia, que, junto com a Biblioteca Histórica do Mosteiro de São Bento da Bahia e o seu Centro de

Documentação e Pesquisa do Livro Raro, é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por possuir o segundo maior acervo de Obras Raras do país.

O documento aqui descrito é o **Livro I do Tombo** do Mosteiro de São Bento da Bahia. Trata-se de uma obra que tem conteúdo dos séculos XVI, XVII e XVIII, mas que foi transcrita em 1803 para que este conteúdo não se perdesse, já que o original encontrava-se em avançado estado de deterioração, como atesta o termo de abertura do documento.

O documento ora trabalhado pode ser considerado um livro raro, pois além de ser antigo, é único. "Há muitas razões para um livro ser considerado raro. Naturalmente a antiguidade é uma delas, mas a principal é um número reduzido de exemplares." (DIEGUEZ, 1969, apud PINHHEIRO, 1989, p. 25)

O **Livro I** apresenta-se em encadernação em couro de porco marrom com o símbolo da ordem e a data de fundação do Mosteiro pintados à tinta na capa. Esse brasão foi criado por Irmão Paulo Lachenmayer já no início do século XX. O livro mede 487 mm X 339 mm, possui uma mancha escura no ângulo superior esquerdo que, desce até o meio da capa, e deve ter sido produzida pela presença de fungos. A contracapa também possui uma mancha escura advinda da umidade no ângulo superior direito.



**Fig.1.** Fotografia da Capa do *Livro I do Tombo*

**Fonte:** Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Brasão do  
Mosteiro de São  
Bento da Bahia  
adaptado



**Fig.2.** Fotografia da Contra-cap do *Livro I do Tombo*

**Fonte:** Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

## **1 História e cultura no Livro I do Tombo**

O **Livro I do Tombo** do Mosteiro de São Bento é um manuscrito importante para a história da construção do Brasil, pois traz informações relativas aos três primeiros séculos de colonização do país. Esses documentos constituem-se escrituras, doações, cartas, autos de posse, petição de terras entre outros, nas capitanias de Pernambuco e da Bahia.

Figuram entre os personagens históricos Duarte de Albuquerque Coelho (governador da capitania de Pernambuco), Mathias de Albuquerque Coelho (irmão de Duarte e também governador das capitanias de Pernambuco e Bahia), a família Guedes de Brito e Garcia de Ávila Pereira. Portanto, percebe-se que esses documentos são escritos importantes e que poderão trazer informações históricas de grande relevância para o Brasil.

Além das informações históricas, divulgar esse material é enriquecedor por oferecer dados sobre a cultura dos anos iniciais vividos no Brasil como, por exemplo, um ritual de posse da terra encontrado em muitos documentos. Nele está registrado o ritual composto por palavras, gestos e comportamentos essenciais para que a transação fosse concluída, além de elementos fundamentais como o cajueiro, o limoeiro, o curral e a cruz. Desenha-se nesses documentos um prospecto da formação da Cidade de Salvador e dos costumes antigos que sobreviveram ao decorrer dos anos. Segundo esse ritual, o tabelião grita em voz alta três vezes para saber se há alguém que impeça a venda da dita terra; não havendo ninguém que se manifeste o novo dono, com uma enxada, joga terra para o ar três vezes; arranca um ramo de um limoeiro e o planta em outro local; faz uma cruz em um cajueiro; derruba uma parte de um curral e grita mais três vezes para saber se há alguém que impeça a venda, não havendo resposta, os documentos são assinados.

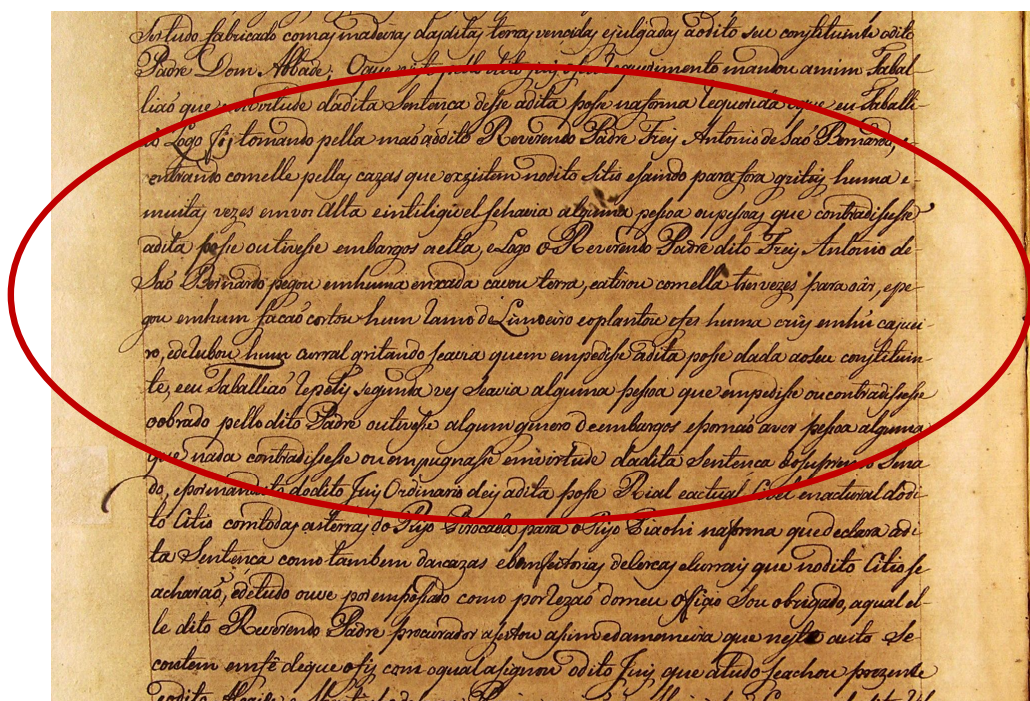


Fig.3 Fac-símile do fólio 4r do Livro I do Tombo

Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia

## TRANSCRIÇÃO

fl.

TEXTO

4r Padre Dom Abbade; O que visto pelo dito Juis oseu requerimento mandou a mim Taballiaõ Logo foi tomando pella maõ ao dito Reverendo Padre Freis Antonio de São Bernardo, e entrando com elle pellas cazas que exzistem no dito sitio e saindo para fora gritei huma e-

muitas vezes em voz alta einteligível sehavia alguma pessoa ou pessoas que contradissee adita posse ou tivesse embargos a ella, e Logo O Reverendo Padre dito Freis Antonio de-São Bernardo pegou emhumana enxada cavou terra, eatirou com ella trez vezes para o âr, epegou em um facão cortou um ramo de um Limoeiro eoplantou efes huma crus em h~u cajueiro, edeRubou hum curral gritando se havia quem empedissee a dita posse dada ao seu constituin-te, eeu Taballiaõ Repotis segunda ves seavia alguma pessoa que empedissee ou contradissee oobrado pelo dito Padre outivesse algum genero desembargos epornaõ aver pessoa alguma que nada contradissee ou ompugnasse em virtude da dita sentença dosupremo sena do, epor mandato do dito Juis Ordinario deis a dita posse Rial e actual Civel enaactual dodi to Citio comtodas as terras do Rijo Pirocaba para o Rijo Piaohi na forma que declara a di ta sentença como também das cazas ebenfeitorias [...]

## **2 Os ritos e seus elementos**

Tendo início na cultura dos povos pagãos os ritos sobreviveram durante os séculos e foram sendo passados e adaptados ao longo do tempo, revestidos pelo cristianismo, chegando aos dias atuais. Os rituais, verdadeiras fórmulas “mágicas”, são uma seqüência ordenada de gestos, sons e presença de objetos sagrados, estabelecida por um grupo social com finalidades simbólicas. Com efeito, um rito supõe, ou melhor, constrói na sua execução o espaço (uma igreja, uma praça, uma sala de banquete, a liça de um torneio etc.) e o tempo ( sua duração total, seus ritmos, as pausas, e em particular, os momentos de maior intensidade) que lhe são próprios. (LE GOFF; SCHIMITT, 2002, p 415)

Um rito é pluridimensional, ao mesmo tempo gestual, vocal, vestimentário, emblemático, e comporta a manipulação de objetos simbólicos (a coroa, ou o cetro da consagração régia, o anel do casamento, o vinho e o pão do rito eucarístico etc.). Ele é ordenado em ações sucessivas e hierarquizadas que comportam freqüentemente a repetição solene de gestos ou de fórmulas (bênçãos, incensamentos e aspersões, litanias etc.) que prolongam o rito, retêm a ação, aumentam sua solenização, dramatizam os momentos essenciais. (LE GOFF; SCHIMITT, 2002, p 415)

No ritual do **Livro I do Tombo** os elementos utilizados são a enxada, a terra, o limoeiro, o cajueiro, o curral, as casas, a cruz, elementos que remetem ao espaço e ao tempo daquele ritual. A cruz que está diretamente ligada à religião Cristã; as plantas, a enxada que estão relacionadas à terra e as casas e o curral que estão relacionados à posse do antigo proprietário. Todos esses elementos remetem ao ritual de posse da terra, além de palavras e gestos repetidos três vezes como gritar em voz alta três vezes a saber se há alguém que impeça a venda da terra e jogar terra para o ar três vezes.

Os padres da igreja cristianizaram os símbolos os ritos e os mitos pagãos, relacionando-os a uma história sacra. Essa história sacra ultrapassava, evidentemente, os limites do Antigo Testamento e agora englobava o Novo Testamento, a pregação dos apóstolos e, mais tarde, a história dos santos. (ELIADE, 1972, p.148)

Um certo número de símbolos cósmicos - a água, a árvore e a videira, a charrua e o machado, o navio, o carro, etc. já haviam sido assimilados pelo judaísmo, e puderam ser facilmente integrados na doutrina e na prática da Igreja, recebendo um sentido sacramental ou eclesiológico. (ELIADE, 1972, p.148)

[...] os missionários cristãos [...] acabaram por cristianizar as Figuras divinas e os mitos pagãos que resistiam à extirpação. Muitos Deuses e heróis matadores de dragões transformaram-se em S. Jorge, os deuses da tempestade foram convertidos em S. Elias, as inúmeras deusas da fertilidade foram assemelhadas à Virgem ou às Santas.. Pode-se mesmo dizer que uma parte da religião popular da Europa pré-cristã sobreviveu camuflada ou transformada, nas festas do calendário e nos cultos dos santos. Ainda sobrevivem figuras, mitos e rituais da mais remota antiguidade, e mesmo da proto-história. (ELIADE, 1972, p.148)

Geralmente os ritos, na sociedade, marcam a transição de fases da vida social ou da natureza. Debutar é o ritual que marca a passagem da "infância" para a vida adulta da mulher; casar marca a passagem da vida de solteiro para a de casado; o batismo, de pagão para cristão, entre outros. O de posse da terra marcava a transferência de dono da dita terra.

Os povos ágrafos não possuem calendário escrito, mas conhecem perfeitamente o tempo em que é necessário plantar e colher. Como a sementeira e a colheita obedecem a um ritmo certo da natureza, volvendo, ano a ano, em datas certas, essas atividades são denominadas calendáricas ou estacionais, elas marcam a transição de uma estação do ano para outra e são celebradas com ritos específicos. (ULLMANN, 1991, p. 157)

Os rituais são atos de sociedade, são os "meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente" (DURKHEIM, 1996, p. 422).

## **Conclusão: os ritos hoje**

O homem de hoje procura dessacralizar e demitizar o universo, também o dos ritos, mas seu comportamento e sua atitude guardam certa forma inequívoca de ritual, talvez sem se dar conta disso. Haja vista os festejos de ano novo, as celebrações do casamento, a comemoração do aniversário, a presença a funerais, etc. São momentos em que o homem deixa entrever, no seu íntimo, por frestas muito camufladas, a perplexidade ante o "*novum*" que todos os momentos citados sugerem. Há, na sua estrutura mais íntima, recoberta de couraça de indiferença, uma inquietude e uma insegurança, diante do momento seguinte de sua existência. É aí que o homem sente, com todo o realismo, o fardo da cruel contingência, que pode ser negada, mas não apagada. Por isso os ritos de passagem dos povos ágrafos e as cerimônias rituais dos civilizados dos cristãos jamais hão de ser abandonados ou relegados ao esquecimento. (ULLMANN, 1991, p. 159)

O passado e seus registros podem e devem ser utilizados para trazer à tona um relato de uma época que corroborou nos dias atuais, podendo com isso revelar fatos fundamentais para a formação de uma sociedade.

## **Referências**

DIEGUEZ, Lidia. **Os livros que não têm preço**. Enciclopédia Bloch: revista mensal de cultura, Rio de Janeiro, v. 2, n. 27, p.4-13, jul. 1969. Apud PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira. **Que é livro raro?** Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença; Instituto Nacional do Livro.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: Edusc, 2002.

AZEVEDO, Thales de. *Ciclo da vida: ritos e ritmos*. São Paulo: Ática S.A., 1987.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **Antropologia: o homem e a cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

---

<sup>i</sup> **Marla Oliveira Andrade, Mestranda.**

Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística (PPGLL)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Mosteiro de São Bento da Bahia

CAPES

moaandrade@gmail.com